

Regurgitofagia: performance da palavra inquieta

VALÉRIA SOARES COELHO*

Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Neste artigo, objetiva-se analisar a inquietude que perpassa a obra de Melamed, **Regurgitofagia**, e também o rompimento com as possibilidades de estabelecimento do gênero discursivo. Embora não se objetive aqui analisar a performance do autor/ator no palco ou em seu *site* pela internet, mas tão somente a obra impressa, não podemos deixar de considerar que essas outras realizações textuais existem. O livro passa a ter essa marca, a de um trabalho artístico/espetáculo autoral que trabalha a interação da literatura com outras formas de expressão, o que não é novidade, pois essas relações entre as artes, visuais ou não, vêm sendo constantemente exploradas na modernidade.

Palavras-chave: Inquietude; Performance; Gênero discursivo; Interação.

Seria tentador interpretar como um reconhecimento tardio a confusão constante que, no fim da Idade Média faziam entre os termos autor e ator. O autor é o avatar laicizado e locutor divino..., embora por longo tempo ainda o autor continue a ser o intérprete na performance de uma poesia que, presença total, não precisa declarar sua origem. Daí uma espécie de atemporalidade do texto. (ZUMTHOR, 2001).

Ao analisar o texto de Michel Melamed, **Regurgitofagia**, como um instigante trabalho sobre a fissura da linguagem poética no século XXI, observamos, de imediato, seu rompimento com as possibilidades de estabelecimento do gênero discursivo. A própria editora, na ficha catalográfica, expressa essa dificuldade quando classifica a obra como Literatura brasileira-miscelânea. Sem termos uma definição do gênero textual, o autor/ator parece “encenar”, na obra, a representação de um desejo ancestral da palavra xamânica, como nos fala Nicolau Sevcenko (1998), que açambarcava toda cultura humana na palavra ritual, de

uma totalidade anterior às cisões entre o popular e o erudito, o arcaico e o moderno, o sagrado e o leigo, o oral e o escrito, a letra e a imagem, o corpo e a palavra.

Essa palavra inquieta, que não se deixa definir, exige de nós uma outra disposição cognitiva, com uma apreensão mais orgânica e totalizante, mais intuitiva que racional. Embora não se objetive aqui analisar a *performance* do autor/ator no palco ou em seu *site* na internet, mas tão somente a obra impressa, não podemos deixar de considerar que essas outras realizações textuais existem. O livro passa a ter essa marca, a de um trabalho artístico/espetáculo autoral, que trabalha a interação da literatura com outras formas de expressão, o que não é novidade, pois essas relações entre as artes, visuais ou não, vêm sendo constantemente exploradas na modernidade. Especificamente sobre as experimentações entre a poesia performática e a música, vários outros poetas/artistas como Chacal, Lirinha e o grupo Cordel do Fogo Encantado realizam trabalhos semelhantes e se apresentam em palcos pelo Brasil afora, fazendo-nos lembrar desse caráter medieval dos versos formados na boca dos poetas nômades. Aqui, dialogamos com a epígrafe de Zumthor, marcando essa dimensão, mais atual que nunca, da poesia, a de desdobrar-se errante e ocupar outras dimensões e papéis. Afinal, é próprio da arte da palavra conter em si a convergência de tempos e espaços diferentes; mas, agora, temos o trânsito com um número maior de formatos da expressão como a internet, a televisão, o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas, incluindo, recentemente, a computação gráfica.

Assim, analisando a inquietude que perpassa a obra de Melamed, podemos afirmar, com certeza, que **Regurgitofagia** é um texto performático, não somente porque existem nele outras intenções do autor além da escrita, mas porque há uma presença marcante da oralidade, da voz e, por extensão, do próprio corpo, que permeia toda a obra como um desejo de insubordinação ao estabelecido apenas pela dimensão das letras impressas no papel plano e bidimensional.

É nesse espaço que encontramos a ousadia de uma palavra inquieta que, embora possua o desejo de uma totalidade ancestral de ocupar todas as possibilidades de expressão da cultura humana, fragmenta-se para representar o caos do terceiro milênio, com suas muitas formas, contornos e lacunas dos sentidos. Cabe ao poeta arquitetar a cena, montar no texto/espaço/palco uma interpretação para o real vertiginoso de nosso tempo, que nos escapa, e que se transforma ininterruptamente enquanto tentamos apreendê-lo. Analisar obras com esse perfil é um dever da crítica literária do século XXI.

A PALAVRA INQUIETA

Regurgitofagia é a expressão do desassossego de um poeta que ousa desestabilizar as convenções de gêneros textuais para construir uma palavra ágil, escorregadia, destituída de qualquer possibilidade de rotulação. Assim como o xamã, que na antiguidade possuía o dom da palavra enquanto representação de uma cultura da qual ele tinha

completo domínio, Michel Melamed vai além do que se espera de um escritor e vagueia por outras dimensões multifacetadas das palavras, estabelecendo ritmos, sentidos e formas diversas, sem se deixar apreender.

Se considerarmos o texto como popular, pensando no sentido mais elementar do termo, como o comum, sem discutir aqui as várias conotações que o vocábulo tem e teve nas várias ideologias através da história, comprovaremos o uso de uma linguagem trivial, com um vocabulário acessível que trabalha com temas e formas que, de fato, estão circulando cotidianamente na boca das pessoas de todas as classes sociais:

Por isso, se me falam “dando”, pode ser dando zebra, dando de ombros, as costas, mancada, a volta por cima, mole, a bunda, certo, na vista, bandeira, show, o braço a torcer, no couro, dando tudo, dando certo, errado, pro gasto, adoidado, a mínima, conta do recado. (MALAMED, 2005, p. 29 – grifos do autor)¹.

Todas as citações de **Regurgitofagia**, neste trabalho, foram extraídas da edição publicada pela editora Objetiva, em 2005 e, doravante, serão assinaladas, apenas, pelo número de páginas.

São sintagmas que trazem à tona a plurissignificação de um verbo, a multiplicidade dos sentidos que uma cultura pode atribuir a um mesmo significante e a versatilidade dos usos e costumes das palavras em suas metáforas mais comuns, confirmando o que Terry Eagleton (2006) assinalou a respeito da linguagem, cujos artifícios, considerados pelas teorias mais tradicionais como literários, são facilmente encontrados no uso cotidiano. Melamed aponta para essa feitura espontânea, mas sofisticada da palavra. Através de uma construção ritmada, com um compasso muito bem marcado, o autor monta um paralelismo que evidencia essa elaboração das palavras em seus discursos, o que não é perceptível em seu emprego no dia a dia. Esse mesmo recurso é utilizado nas páginas 23, 24 e 25, em relação ao substantivo “ponto”, mas em uma torrente, como que em um ato de expulsão dos excessos, fazendo jorrar as expressões, saturadas, saturantes, “Porque – diferentemente dos ávidos antropófagos – já deglutimos coisas demais” (p. 21).

Percebendo a conexão entre os sentidos das expressões populares postas em paralelo na obra e a afirmação acima, que as precede, chegamos à história da cultura brasileira e do movimento antropofágico oswaldiano, que valorizava toda a sorte de contribuições para a literatura nacional, desde que habilmente digeridas. Ou seja, Melamed faz uma contundente análise cultural, brincando com os termos populares. A cultura popular, portanto, aqui não se encontra isolada de outras apresentações, como em estudos teóricos ou em certos textos que pretendem intencionalmente, ou muitas das vezes, artificialmente, ter esse rótulo. Regurgitar é preciso, dar vazão ao que está espontaneamente, organicamente introjetado, para que o popular se mescle à erudição de um pensamento reflexivo, analítico. Precisamos agora de um movimento contrário ao de Oswald; vamos expelir o excesso que não conseguimos assimilar completamente, ingerimos demais, temos um produto excedente mal digerido, heterogêneo, caótico. Esse produto, nossa expressão artística, segue aqui novo rumo, já previsto por Zumthor: “A idéia da literatura como algo venerável, contendo autoridade e valor estético, merecendo uma atenção particular, vai se esmaecer, sem dúvida.” (ZUMTHOR, 2005, p. 103).

Da mesma maneira que o discurso popular e outro mais erudito se interagem para formar um sentido orgânico, em **Regurgitofagia**, o arcaico, o moderno e a linguagem das mídias também montam um todo, quase plástico:

porque as três marias + os sete mares são os dez mandamentos
e as 7 maravilhas do mundo menos os três porquinhos
são as 4 estações
ou os 4 cavaleiros do apocalipse ou os 4 mosqueteiros
porque
os três patetas ou o tamba trio
+ os sete pecados capitais ou os 7 gatinhos capitus ou os sete anões,
dariam dez,
bateria nota 10! 10! (p. 41).

Essa “miscelânea”, como bem coloca o editor na catalogação, é resultado de uma soma de elementos díspares que forma nosso imaginário coletivo. Não percebemos ou, na maioria das vezes, não estamos interessados em conhecer a origem dos conceitos ou das referências que usamos. Como na urgência da reciclagem de materiais descartáveis na era da tecnologia digital, reutilizamos ideias e compomos novos objetos em ritmo acelerado, sem, necessariamente, reconhecer a matéria de que são feitos. Assim, o ato da criação artística não seria entendido mais como uma revelação súbita e brilhante dos românticos, mas como uma bricolagem, um reaproveitamento do que está disponível dos estratos coletivos diversos, de vários tempos e espaços diferentes, reciclados por uma palavra xamânica à maneira do século XXI.

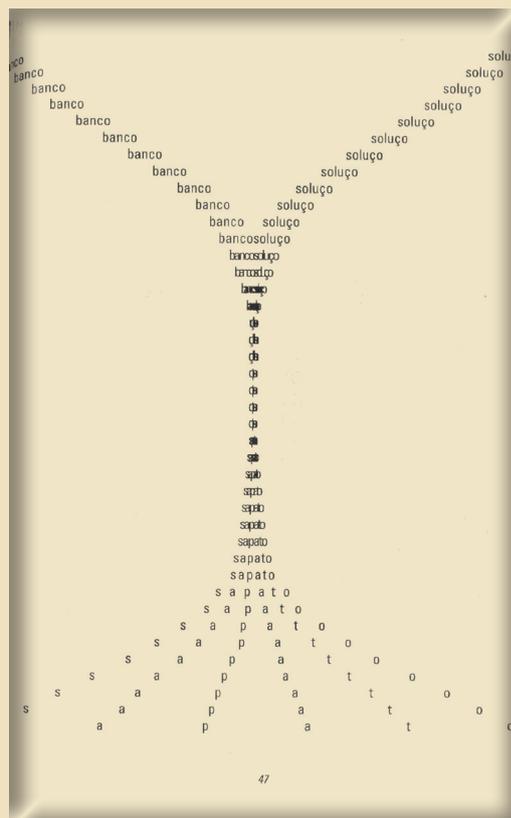
Michel Melamed trabalha com esses conceitos, na medida em que monta sua colcha de retalhos com extrema criatividade, para demonstrar, com ironia e humor, seu processo de criação no próprio ato do fazer poético. A integração suplanta a fragmentação de nossa era, mas os vários elementos entrecortados estão todos lá. Não há, em momento algum, a tentativa de dissimular ou de nos dissuadir da incompatibilidade aparente, e acompanhamos a adição com a respiração, passo a passo. Nossa cultura é, então, resultado de uma soma na qual cada elemento é também um suplemento voraz que modifica o resultado; não há espaço ou tempo para a ingenuidade ou para os purismos ressentidos de uma origem perdida.

O sagrado e o profano também estão postos lado a lado, no mesmo ritmo frenético, sem distinções ou demarcações. E assistimos impassíveis a tudo... O mundano se apropria do sagrado para gerir suas próprias necessidades de aceitação e valorização, da mesma forma que esse sagrado utiliza-se de meios profanos para se propagar e atingir mais e mais adeptos. O limite entre as instituições religiosas e a religiosidade está difuso no caos da cultura como espetáculo, que se garante enquanto faz pedidos transcendentais; afinal, o divino estabelece uma autoridade reconhecível para a nova barbárie, que não nos poupa dos banhos exemplares de sangue, diante de um desejo coletivo de expiação, da catarse:

graças a você!, que eu tenho mais de 100% da audiência nacional! Por gentileza, dá um close aqui: pode ver o show do Estupra? 100%! Agora a concorrência: Show do Assassino? É traço. Show do Ladrão? É traço! Show do Fascista? Traço!!! Traço!!! Traço!!! Só o show do Estupra tem 100% de audiência nacional!!!! Muito obrigado... Deus ilumine todos vocês... (p. 90).

Em outra passagem, temos um contorno de fundo negro e uma tesoura indicando a possibilidade de recorte, montagem, desmontagem e colagem do texto em destaque. A versatilidade das posições e dos sentidos e a presença da tesoura nos remetem aos dadaístas e à própria receita de Tzara de como fazer um poema e, com ela, a uma outra possibilidade de se pensar a arte na sociedade burguesa em seu divórcio da práxis vital. O ataque das vanguardas, problematizando essa autonomia da arte, está também presente no texto de Melamed, na medida em que ele volta a questionar o status da arte. Mas na era da indústria cultural, será que o descolamento entre a arte e a vida foi superado pelos meios de comunicação de massa? E como o sagrado se insere nesse contexto? Se a arte um dia foi coletiva, na produção e na recepção, e objeto de culto, hoje, vasculha-se, através das referências de uma linguagem conceitual semiótica, sua prática discursiva em nossa sociedade voltada para os fins, mais do que nunca reificadora, do ser humano: “Tudo é metáfora. Mas só Deus é Hipertexto.” (p. 102).

Em **Regurgitofagia**, como na poesia concreta, letra e imagem também se compactuam no papel impresso, só que agora há a presença de uma virtualidade que faz alusão à linguagem tecnológica e sua expansão. A forma da própria palavra se converte em/pela presença imagética de suas letras, seus tamanhos, posições e contornos diferentes através de uma distribuição estilizada nas folhas do livro:



As letras são, portanto, o corpo da palavra, da mesma maneira que as palavras são corpos dos sentidos. Significado e significante, como faces inseparáveis de um mesmo papel, remetem-nos também para a reciprocidade da letra e do som, do oral e do escrito, da língua e da fala, do corpo e da voz. Todas essas questões são abordadas por Michel Melamed com criatividade e um humor irreverente de quem não separa a arte da palavra de uma profunda reflexão sobre ela mesma.

A PERFORMANCE

Na capa do livro, há uma fotografia do autor na qual ele aparece envolto em fios que são fixados em seu corpo através de ganchos de metal. Figura inusitada. Na página inicial, uma descrição de sua performance no espetáculo nos põe a par do que acontece na foto.

Tomamos conhecimento, então, de que, no palco, o ator utilizou a energia física dos espectadores para provocar reações elétricas em seu próprio corpo. Esse desejo de sentir corporal e imediatamente a resposta do ouvinte está em completa sintonia com todo o texto, que parece não querer deixar também o leitor omissos, pois instiga sua reação durante todo o livro, através de páginas reveladoras de surpresas, uma após a outra.

Desenhos, borrões, rabiscos ilegíveis ou quase, reproduções de panfletos e folhas impressas, fixadas em posições variadas, são recursos formais usados para que o leitor não tenha uma leitura confortável: ele deve se mover e mover o livro, destituindo-se de hábitos e posturas contumazes, inclusive físicas, para prosseguir. Essa exigência não é a única, uma vez que todo o texto traz um apelo ao leitor, produzindo um estranhamento, como na proposta teatral de Bertold Brecht (2005) para o espectador. Impedindo a ilusão momentânea de que a cena seja real (a quarta parede), reforçando o caráter de representação da arte, o teatro brechtiano propõe ao espectador sua participação a partir do incômodo, ou seja, ele não terá oportunidade de se separar completamente do que ocorre no palco, acreditando, simplesmente, que aquilo tudo é apenas um drama que não lhe diz respeito. No teatro épico, a plateia deve se mover de seu confortável lugar de receptor apenas, e, de alguma forma, é requisitada a participar do momento dramático. Da mesma forma, Michel Melamed pretende que o leitor caminhe em direção ao texto na medida em que reage para procurar decifrar seus enigmas.

Assim, o autor nos provoca com seu livro completamente heterogêneo, também na diagramação. Não podemos lê-lo imóvel, impossível... Ao tentar entender cada traço impreciso, movimentamos nosso corpo e o livro, e, da mesma forma que o ator e seus fios em relação à plateia, compactuamos com os movimentos propostos pelo autor.

Mas o texto vai além, quando o próprio discurso nos reporta ao movimento corporal de quem se pronuncia, pois a linguagem usada é frenética e as poucas pausas ocorrem no instante em que deveria haver a respiração do falante no palco. O leitor não tem como não se esquecer da voz, do som. Ela é a matéria que compõe o ritmo do texto, a voz enquanto corporeidade, energia quase selvagem que prevalece

sobre a palavra escrita, conduzindo o texto. Alfredo Bosi nos fala deste aspecto com extrema propriedade:

Das entranhas desse vivente sai o sopro, o prana, que nomeia as coisas e os gestos do mundo. Por isso, no discurso ritmado, a imagem, prestes a ser superada pelo conceito, renasce corporeamente nas inflexões da corrente vocal. Se, na prosa abstrata, se passa resolutamente da imagem à idéia como quem vai do sensível ao conceitual (eidos-edeia), na leitura poética o andamento impede que as propriedades sensíveis se cancelem. A linguagem rítmica volta-se para reanimá-la com o sopro quente da voz. (BOSI, 1993, p. 87).

Não temos como escapar da escansão de um ritmo “engajado nos movimentos do corpo” (ZUMTHOR, 2005, p. 146), pois, segundo Bosi, há textos que, necessariamente, para serem entendidos, transformam-se em voz, ou seja, retornam ao caráter primitivo da poesia, à sua unidade corpórea; a garganta e a respiração que cadencia todo o corpo que trepida à luz dos sentidos.

Em **Regurgitofagia**, a palavra da pós-modernidade parece desejar esse retorno ao ritual coletivo dos xamãs, talvez como uma forma de resistência ao fracionamento dos significados que não possuem mais nenhum referencial ou integridade, a expressão do poeta quer provocar um estado de excitação coletiva através de signos de nossa cultura que se reverberam pelo texto, encadeados pelo ritmo, pela cadência sonora e pelos paradoxos da cultura de nosso tempo: “o homem-de-lata afunda a pata no acelerador de sua caranga de carne e osso, avança sobre o centro nervoso da cidade desalmada a fim de lançar o coração como granada. A missão cumprida lança-o à rotina”. (p. 104).

Na era midiática, a própria oralidade adquire outros formatos, já que, através dos meios audiovisuais, não necessitamos mais da presença física do falante para sermos atingidos pela sua palavra oral. A linguagem tecnológica está sempre marcando as enunciações, inclusive instaurando a fragmentação dos pontos de vista, de tal forma que a pluralidade das perspectivas produz um apagamento do enunciador do discurso. A repetição exaustiva de certas palavras ou expressões, pelos meios de comunicação de massa, as esvazia de sentido, transformando significados em significantes: “casa comigo que eu te faço a pessoa mais ‘casa comigo que eu te faço a pessoa mais feliz do mundo’”. (p. 55).

Se a presença da cultura midiática é irreversível, e todos acabam sendo, de alguma forma, modulados por ela, aprimorar o senso crítico significa denunciar o pastiche ou assimilá-lo de outra maneira? A leitura literária também depende da mídia? Divertir significa estar de acordo? O entretenimento é sinônimo de abandono irrefletido? Devemos entender, como Benjamin, que a narrativa morreu por que não há mais acumulação da experiência? A não erudição é uma forma de recusa à opacidade da arte moderna? Se na sociedade do espetáculo há o predomínio da imagem técnica, temos uma falência geral da crítica, pois toda ela é apenas impressionista? O conceito de Literatura foi abalado por tudo isso?

Michel Melamed procura discutir, em sua obra, todas essas questões e a única resposta que encontramos é que não há saída alguma além

da arte. Estudar novas propostas de artistas como ele e Chacal, que corrompem vários limites conceituais e estéticos e reciclam aqueles primeiros de que nos falam Zumthor e Sevcenko, é mais atual e necessário que nunca, já que, através de sua obra, podemos revigorar o sentido da arte, na pós-modernidade, como o desejo permanente de valorização da imaginação coletiva através da palavra.

Abstract

The objective of this article is to analyze how disturbing is the work of Melamed, **Regurgitofagia**. The novel establishes a rupture showing new possibilities of the genre. Although we analyze the only the author's printed work, we do not neglect his performance as an author/actor nor his site on the internet. The book brings a specific mark, that joins his artistic work with his well-known spectacle showing an interaction between literature and other forms of expression. These relations between fields have been constantly explored in the modernity.

Keywords: Inquietude; Performance; Genre; Interaction.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BOSI, Alfredo. Frase: música e silêncio. In: **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BURGER, Peter. **Teoria da vanguarda**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**. Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FORTUNA, Marlene. **A performance da oralidade teatral**. São Paulo: Annablume, 2000.
- MELAMED, Michel. **Regurgitofagia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MONTEIRO, Manuel Rui. Da escrita à fala. In: Actas do 1º Congresso Internacional da teoria e Literatura Lusófonas. Coimbra: Almedina, 2005.
- SEVCENKO, Nicolau. No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa. In: PRADO JÚNIOR BENTO *et al* (Orgs.) **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.